

**NARRATIVA HISTÓRICA  
NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA:  
UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO**

*Tatiane Carvalho Peçanha Guimarães* (UNEF)  
[tatiane.educ@gmail.com](mailto:tatiane.educ@gmail.com)

*Fernanda Castro Manhães* (UNEF)  
[fernandacristiner@gmail.com](mailto:fernandacristiner@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho consiste em um estudo bibliométrico cujo o tema corresponde a uma contribuição ao campo da escrita da história, ou seja, da historiografia. A pesquisa teve por objetivo um levantamento do quantitativo de estudos teóricos e empíricos acerca da narrativa histórica. O recorte temático foi definido a partir do campo da educação histórica, sobretudo nas contribuições teóricas do filósofo Paul Ricoeur, que estabelece uma relação entre história, tempo e narrativa, e de Jörn Rüsen, o qual entende que a narrativa histórica corresponde a um importante instrumento de pesquisa na compreensão das ideias históricas dos sujeitos, pois a construção do pensamento histórico ocorre por meio da narrativa histórica. A metodologia do trabalho seguiu uma busca simples na base de dados *Scopus*, a partir das palavras-chave *historical narrative + historical education*, entre os anos de 2013 a 2017. No período foram encontrados 457 estudos publicados, entre artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos publicados em congressos.

**Palavras-chave:** História. Educação histórica. Narrativa histórica.

**1. Considerações iniciais**

A relação entre a história e a narrativa é considerada bastante antiga pois remonta à época em que a história era apenas um ramo da retórica, no entanto, não deixa de ser controversa, pois nem todos os historiadores contemporâneos apresentam opiniões convergentes em relação à narrativa quanto forma de escrita da história.

Alguns autores são enfáticos ao defender a narrativa como forma natural de escrever os acontecimentos do passado como Peter Burke (2011), Paul Ricoeur (2010) e Lawrence Stone (1991). Em meio ao debate em torno da questão entre narrativa e a história, pesquisadores do

campo da educação histórica como Jörn Rüsen (2011), abordam a narrativa histórica como um processo cognitivo pelo qual os indivíduos estruturam seu pensamento histórico.

A partir dessa perspectiva empreendeu-se um estudo quantitativo cujo objetivo foi o levantamento de trabalhos teóricos e empíricos sobre narrativa histórica publicados entre o período de 2013 a 2017 e indexados na base de dados *Scopus*. A partir de uma busca simples, por meio das palavras-chave: *historical narrative + historical education* chegou-se a um resultado de 457 trabalhos considerando a narrativa histórica na perspectiva teórica da educação histórica ou Cognição Histórica.

A base de dados da *Scopus* organiza seus resultados a partir de categorias de análise pré-estabelecidas, tais como documentos por área, documentos por ano, documentos por ano e autor, por afiliação, por autor e por país. Essas categorias se constituem em aspectos relevantes a serem observados, pois permitem ao pesquisador informações relevantes sobre o estado das pesquisas, os principais autores e veículos de publicação e onde se concentram os maiores estudos acerca do assunto que pretendem discutir.

Nesse sentido, todos esses elementos foram observados na seção metodologia, resultados e discussão. O embasamento teórico dessa investigação também foi discutido por meio de duas seções. A primeira refere-se a questão histórica da relação entre narrativa e história no que diz respeito ao debate historiográfico entre história narrativa e narrativa histórica. Na segunda seção buscou-se discutir a narrativa histórica na perspectiva da educação histórica, destacando os aspectos que esse campo do conhecimento confere a narrativa dos acontecimentos do passado.

Assim, pode-se observar com a realização dessa investigação o quantitativo de pesquisas no campo da educação histórica observando que tais estudos têm adquirido cada vez mais espaço no campo da historiografia contemporânea.

## **2. *História narrativa e narrativa histórica: um debate no campo da historiografia***

A partir dos anos de 1970, no campo da historiografia, a narrativa histórica está no centro de um debate quanto a forma mais apropriada de se escrever a história. De um lado estão os historiadores que associam a narrativa histórica da história factual produzida no século XIX, por isso a

refutam, afirmando também que a proximidade da narrativa literária colocaria em risco a objetividade científica da história. De outro lado, estão historiadores denominados narrativistas que defendem a narrativa histórica como uma linguagem apropriada à História.

A narrativa foi a forma de escrita da história utilizada no século XIX por historiadores fundamentados nos preceitos teórico-metodológicos do positivismo. Segundo Peter Burke (1997), no século XIX a História esforça-se por firmar-se no rol das ciências sociais, em um contexto de primazia científica das ciências da natureza. Essa corrente historiográfica foi apregoada por Leopold von Ranke (1795-1886), historiador alemão que defendia a neutralidade do pesquisador e a objetividade como indicativos para uma história científica e a escrita dos fatos passados, em forma narrativa. (BURKE, 1997)

Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004), aponta que os historiadores positivistas ou historicistas se dedicavam a recolher, documentos ditos oficiais e de preferência escritos, reunindo os fatos mais importantes, ordenando-os cronologicamente e narrando-os de forma imparcial. Dessa forma, acreditava-se estar produzindo um conhecimento científico sobre o passado, o qual poderia ser reconstituído, com a neutralidade do pesquisador. Segundo a autora (2004) os fatos políticos narrados consistiam na descrição das ações de grandes personagens da história, como reis, chefes militares, presidentes, nações.

O termo história narrativa foi utilizado por historiadores da escola dos Annales, paradigma histórico do início do século XX, também conhecido por “história nova”, para se referir ao historicismo. A produção historiográfica dos historiadores franceses que compunham a *Revista Annales*, criada em 1929, na França, debatia frequentemente a “história narrativa”, ou seja, o historicismo ou história positivista. Destaca-se historiadores como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie os quais compunham o núcleo central da revista dos Annales e defendiam a substituição da narrativa dos acontecimentos pela análise das estruturas, a história-narrativa por uma história-problema. (BURKE, 1997)

Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (2010) apontam que além da história dos Annales, uma outra corrente historiográfica que emergiu no século XX, também dedicou-se defender a substituição do modelo de história narrativa. Trata-se da escola de Frankfurt, na Alemanha, de orientação marxista. Essas duas correntes historiográficas foram

denominadas de paradigma estrutural da história e baseavam-se na ideia de analisar o passado pelas estruturas sociais e econômicas.

Segundo Peter Burke (1997) na primeira fase da revista, considerada a mais radical (1920-1945) seus membros dedicavam-se a criticar a história política ou historicista. A preocupação com a criação de conceitos, como os de estrutura e conjuntura, bem como novas abordagens e metodologias (história serial e as mudanças nas longas durações) só surgiram na segunda fase (1945-1963), quando adquirem o status de “escola” de pensamento. Mas, foi no terceiro momento a partir de 1963, que a revista transfere suas perspectivas da história social e econômica, características da segunda fase, para uma história política e até mesmo narrativa, muito criticadas no período e denominada a Nova História Cultural.

Assim, partir dos anos 70, defensores de uma nova história política e da narrativa como forma de escrita para a história levantam-se em torno do debate em torno do “retorno da narrativa”. Segundo Lawrence Stone (1991), a narrativa corresponde ao modo habitual de escrever a História desde que esta era considerada um ramo da retórica, e denomina-la como “*histoire événementielle*” ou história dos acontecimentos é desqualificar a linguagem natural da história.

O debate acerca da narrativa, que opõe estruturalistas narrativistas é transposto por Peter Burke (2011). Para o autor, existe um vínculo entre essas duas concepções, situado na crítica de uma em relação à outra. Esse vínculo apresenta as imprecisões e lacunas que ambas correntes deixam expostas ao empreender suas críticas. Os historiadores estruturalistas destacam o modo analítico de escrever a história, mas negligenciam os acontecimentos em evolução temporal. Os narrativistas são ineficazes em conciliar as estruturas econômicas e sociais, porém, privilegiam às experiências e os modos de pensar das pessoas comuns.

O filósofo francês Paul Ricouer (2010) registra o afastamento da historiografia moderna (estrutural) com relação à forma narrativa como o eclipse da narrativa, onde duas posições antagônicas, a escola dos Annales e a escola de Frankfurt, convergem a um ponto comum: a crítica à narrativa. Segundo o autor (2010), por mais que os estruturalistas reivindiquem uma forma de explicar o passado pela análise das estruturas sociais e econômicas, não seria possível fazê-lo de outro modo que não fosse por meio da narrativa, pois a narrativa torna acessível a experiência humana do tempo.

O termo narrativa histórica é percebido nas contribuições de Jörn

Rüsen (2001). Para o autor (2011c), o debate em torno da narrativa histórica vai além da associação com a história tradicional, como apresentou Lawrence Stone (1991) e Peter Burke (2011), que reflete a preocupação com a questão da objetividade na ciência histórica, mas, envolve também a preocupante aproximação da história com o campo da literatura. Como a narrativa histórica é composta pelos mesmos elementos de uma narrativa literária e a veracidade das ações estariam comprometidas. Isabel Barca e Marília Gago (2004) destacam que para os críticos a narrativa histórica não passaria de uma reconstituição do passado, onde haveria dúvidas sobre a veracidade dos fatos.

Como Paul Ricoeur (2010), Jörn Rüsen (2011c), também defende que a História é narrativista por natureza. As experiências humanas no tempo são substancialmente descritas e explicadas em uma sequência temporal e em um dado espaço, conferindo sentido e significado a essas experiências. Para afastar o clima de desconfiança em relação à narrativa histórica é necessário compreender a questão da objetividade sob outro prisma. Uma nova objetividade tem de abrir espaço para a subjetividade do conhecimento histórico, o que não caberia em um modelo positivista, onde ao historiador está vedada a personalidade.

Para Jörn Rüsen (2011c) é preciso considerar que se no século XIX a objetividade da História estava na neutralidade do pesquisador, a objetividade moderna está no trato de questões reais do passado, reorganizado a partir de critérios metodológicos, sem a pretensão de reconstruir o passado como o passado real, tal qual ocorreu pois, a natureza da história também é subjetiva, onde o elemento da interpretação sobre esse passado surge ressignificando-o. A objetividade impõe limites à subjetividade.

O caráter narrativo da história não pode confundir-se com uma possível defesa da história narrativa ou historicista. Segundo Peter Burke (2011), esse equívoco tem contribuído para induzir a desconfiança entre os historiadores contemporâneos em relação à narrativa como escrita da história. Uma síntese teórica poderá levar a uma concepção de narrativa moderna, onde acontecimento e estrutura estejam integrados. Por outro lado, a perspectiva de Jörn Rüsen (2011c) atribui um novo olhar a objetividade e subjetividade da história, permitindo assim admitir a narrativa histórica como forma de escrita distinta da típica descrição dos acontecimentos do passado oriundas do historicismo (história narrativa).

### **3. A narrativa histórica na perspectiva da educação histórica**

No campo da educação histórica a narrativa é concebida não apenas como uma forma de escrita da história, mas também como um meio natural pelo qual os indivíduos organizam seu pensamento histórico. Em virtude dessa concepção as narrativas históricas produzidas por indivíduos em contextos de ensino e aprendizagem passam a ser instrumento metodológico, tanto para pesquisadores quanto para professores de história que desejam investigar ou conhecer as ideias históricas dos sujeitos.

Esse pensamento orienta diversos trabalhos no campo da educação histórica e incentiva pesquisadores que buscam compreender o pensamento histórico ou a consciência histórica dos indivíduos. Isabel Barca (2001) considera que a narrativa histórica de docentes e discentes representa o pressuposto metodológico nas pesquisas em cognição histórica com o objetivo de investigar as ideias tácitas que estes sujeitos trazem da história.

Isabel Barca e Marília Gago (2004), defendem, em um trabalho com jovens portugueses, que por meio das narrativas históricas a forma de compreensão do passado é expressa na maneira que os indivíduos estruturam a suas narrativas. Nesse sentido essa perspectiva da narrativa como forma de estruturar e escrever um conhecimento produzido sobre o passado histórico, sendo este compreendido como um tempo qualitativamente diferente do presente, recebe o nome de narrativa histórica.

Quanto ao ensino de história, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt (2008) aponta que a partir dos princípios da educação histórica é possível desenvolver nos discentes a competência de narrar. A narrativa histórica é essencial ao ensino de história, pois permite aos docentes compreender como os discentes estruturam seu pensamento histórico e como expressam os sentidos que conferem ao passado histórico. Luis Fernando Cerri (2011) defende que um dos principais objetivos do ensino de história é desenvolver a competência narrativa.

Na perspectiva de Jörn Rüsen (2011c), o conceito de competência narrativa corresponde a habilidade para narrar um passado, porém não uma narrativa que trate de um passado real, mas reconstituído por elementos estruturantes da consciência histórica de cada indivíduo, assim, expressam a sua compreensão e sentido do passado.

Ainda no que diz respeito ao ensino e aprendizagem em história, Isabel Barca e Marília Gago (2004) reconhecem a narrativa histórica co-

mo um instrumento no reconhecimento das ideias tácitas dos discentes. A análise de uma narrativa histórica contribui para auxiliar os docentes a promover intervenções nas concepções prévias de seus discentes. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Marlene Cainelli (2011) apontam que desenvolver essa competência no ensino de história, ou seja a narração, permitirá aos discentes empreender novas construções sobre o passado histórico.

Na perspectiva da educação histórica, a narrativa histórica traduz-se, segundo Jörn Rüsen (2011c, p. 95), no “processo de constituição de sentido da experiência do tempo”.

Isso significa que ao narrar o indivíduo, não apenas organiza o seu pensamento histórico, mas interpreta e percebe a diferença temporal, orientando a sua vida prática no tempo. É esse o sentido da experiência do tempo segundo o autor (2011c). De acordo com Jörn Rüsen (2001, p. 156):

"Sentido" articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de uma maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo. Sentido histórico na relação com o mundo significa uma representação da evolução temporal do mundo humano tanto baseada na experiência quanto orientadora e motivadora do agir. (RÜSEN, 2001, p. 156)

Dado o exposto acima, é possível compreender que a abordagem da narrativa histórica no campo da educação histórica está mais voltada aos processos cognitivos da ciência histórica, do que simplesmente uma forma de escrita dos acontecimentos passados como defendem alguns historiadores contemporâneos.

#### **4. Metodologia, resultados e discussão**

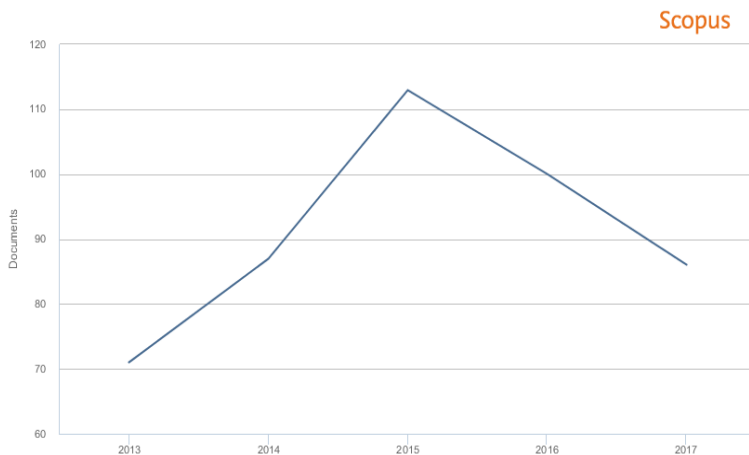
Foi analisado o período de 2013 a 2017, na base de dados *Scopus*, por meio de busca simples das palavras-chave: *historical narrative + historical education*. Os termos foram buscados em inglês, uma vez que se trata de uma base internacional. Ao disponibilizar as palavras-chave em português o resultado foi bastante distinto, tendo o número bem reduzido de documentos publicados. No entanto, tanto uma busca pelas palavras-chave em português ou inglês os resultados contemplam publicações em todos os países do mundo, inclusive no Brasil.

Em um primeiro momento foi realizada uma busca somente com

o termo *historical narrative*, alcançando um resultado de 947 publicações para o período de 2013 a 2017. Contudo, observou-se inúmeros trabalhos orientados por perspectivas diversas e o que se pretende com esse estudo é um levantamento do quantitativo de trabalhos teóricos e empíricos acerca da narrativa histórica. A fim de atender ao objetivo da pesquisa foi realizada, então uma busca a partir de duas palavras-chave: *historical narrative + historical education*.

Após a delimitação temporal, trabalhos publicados entre 2013 e 2017, bem como da delimitação quanto a abordagem, pelo termo *historical education* aproximou-se do problema da pesquisa: qual o quantitativo de trabalhos teóricos e empíricos que abordam a narrativa histórica na perspectiva da educação histórica? Constatou-se um número de trabalhos significativos que de alguma forma relacionam a narrativa histórica com o campo de pesquisa da educação histórica.

Ao todo foram 457 estudos publicados em vários países do mundo, em diversos meios como revistas científicas, livros, capítulo de livros, resumos e trabalhos publicados em anais de congressos. O gráfico abaixo, gerado pela própria base de dados da *Scopus* mostra a quantidade de trabalhos por ano. Observou-se que no ano de 2015, o número de publicações atingiu o ponto máximo do período, com pouco mais de 100 publicações.

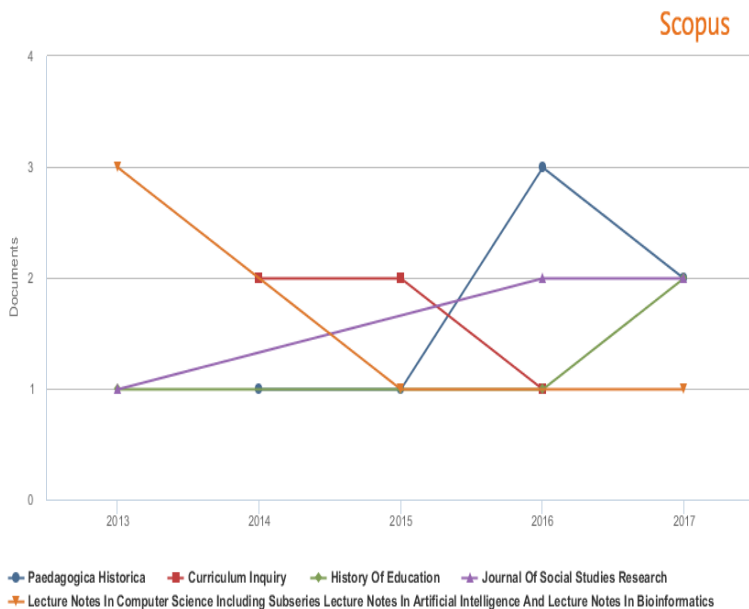


Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

**Documento por ano. Scopus 2017**



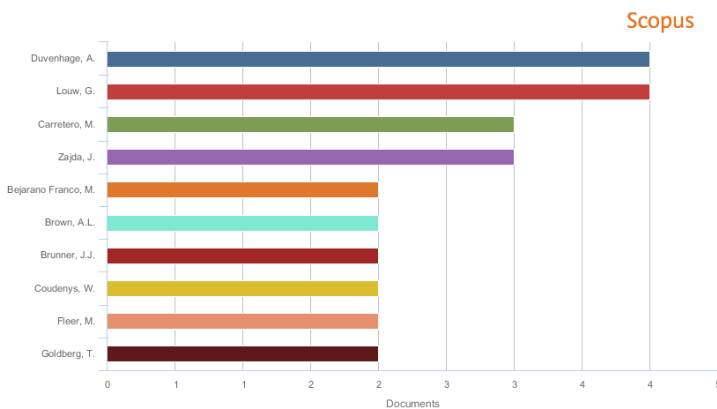
Do período analisado, o ano de 2013 foi o que teve o menor número de publicações, pouco mais de 70 trabalhos. De 2015 a 2017 o número de publicações diminuiu. O gráfico a seguir apresenta os cinco principais periódicos responsáveis pelas publicações no período. Esta informação torna-se relevante a pesquisadores que almejam publicar seus estudos nessas revistas.



Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

#### **Documento por ano e fonte. Scopus 2017**

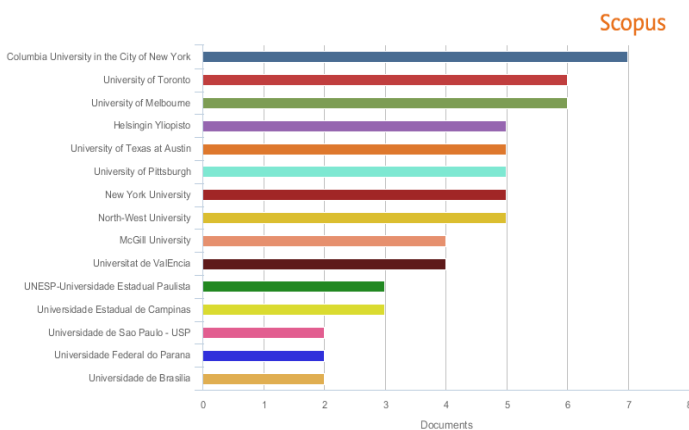
Uma outra informação que também pode auxiliar na orientação de estudiosos sobre o assunto é a trazida pelo gráfico a seguir, o qual apresenta o número de documentos por autor, para o período analisado. Destaque para o argentino Mário Carretero que, apesar de não ter o maior número de publicações, tem contribuído de maneira relevante para estudos sobre a construção do conhecimento histórico.



Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

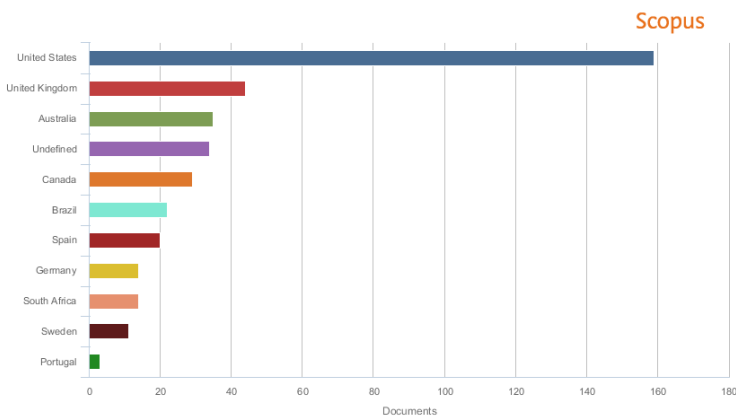
### Documento por autor. Scopus 2017

Nos últimos cinco anos analisados, observou-se que a maior parte dos trabalhos publicados estão afiliados à Universidade de Columbia, em Nova York e os Estados Unidos da América foi o país que mais publicou trabalhos sobre narrativa histórica, na perspectiva da educação histórica. Pelo gráfico a seguir, é possível perceber que o Brasil, surge na sexta posição quanto ao número de publicações entre os países que mais publicaram sobre o tema no mundo. Destaca-se Universidades de São Paulo, Paraná e Brasília.



Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

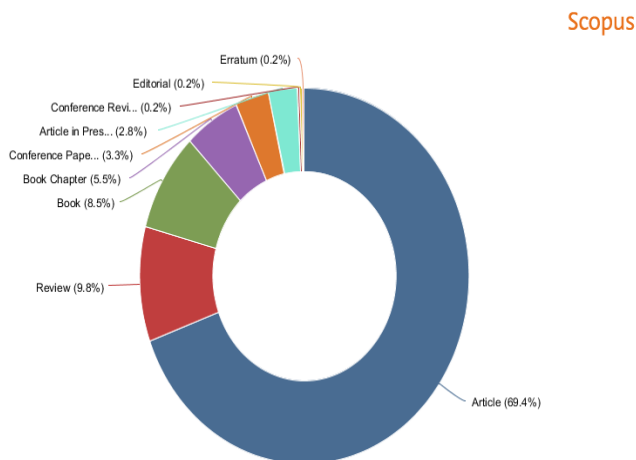
### Publicações por afiliação. Scopus 2017



Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

### Publicação por país. *Scopus* 2017

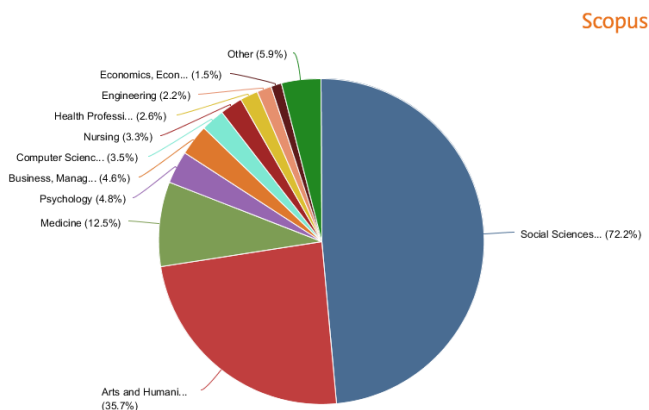
Um outro aspecto que a base *Scopus* traz é quanto ao tipo de documento, onde os artigos correspondem a quase 70% das 457 publicações, entre os anos de 2013 a 2017. Livros e capítulo de livros correspondem a um pequeno percentual no total das publicações, 8,5% e 5,5% respectivamente. Trabalhos publicados em congressos correspondem aos menores percentuais, só superando, em números de revisão de editoriais.



Copyright © 2017 Elsevier B.V. All rights reserved. Scopus® is a registered trademark of Elsevier B.V.

### Por tipo de documento. *Scopus* 2017

Por fim, a área onde concentram-se o maior percentual das publicações são as ciências sociais com 72,2% e artes e humanidades com 35,7%. No entanto, esse dado, como demonstra o gráfico a seguir, aponta para uma tendência de o tema ser estudado sob diversas perspectivas, constituindo um tipo de investigação voltado à questão da interdisciplinaridade. As pesquisas interdisciplinares envolvem temas, conceitos, instrumentos e técnicas de diferentes áreas do conhecimento. Esse modo de fazer investigação resulta em estudos cuja as soluções estão além do escopo de uma única disciplina, envolvendo a apropriação de arcabouços teóricos e metodológicos de diversos campos do conhecimento.



**Documentos por área de assunto. Scopus 2017**

## 5. Considerações finais

Assim, através da pesquisa na base de dados *Scopus*, observou-se o quantitativo de trabalhos teóricos e empíricos que abordam a narrativa histórica na perspectiva da educação histórica. No entanto, foi necessário delimitar um período, de cinco anos, na tentativa de se obter um cenário das últimas publicações no Brasil e no mundo. Foi necessário também empreender um outro limite, pois ao inserir a palavra-chave narrativa histórica, trabalhos sob outras perspectivas também foram considerados, o que não atenderia ao objetivo da pesquisa, que buscou um levantamento das publicações orientadas pelo campo da educação histórica, que compreende a narrativa histórica, não apenas como linguagem própria e natural da História, como apresenta Peter Burke (2011) e Paul Ricoeur

(2010), mas também como um instrumento na própria construção e estruturação do pensamento histórico, segundo Jörn Rüsen (2001, 2007).

Logo o campo da educação histórica, o qual fundamenta-se nas teses de Jörn Rüsen (2001, 2007, 2011) amplia a discussão da narrativa histórica e sua relevância sobretudo para o ensino de história, que a coloca como uma competência cognitiva própria da história (cognição histórica) a ser desenvolvida em sala de aula. (CERRI, 2001)

O tema da narrativa histórica deverá então sair do debate sobre tornar a história menos científica ou não em virtude de sua aproximação com uma história narrativa ou historicista, como aponta Peter Burke (2011), ou se o fato de narrar os acontecimentos, tal como em uma narrativa literária levantaria dúvidas sobre se tais fatos seriam reais ou não. O campo da educação histórica, em certa medida supera esse debate. Jörn Rüsen (2001) ressalta que a história possui uma natureza objetiva, que nada ou quase nada assemelha-se à objetividade dos historicistas; subjetiva, pois envolve um elemento da cognição histórica que é a interpretação, e, também narrativista, pois é através da narrativa que os indivíduos estruturam seu pensamento histórico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. *Revista Faculdade de Letras História*, vol. 2, p. 13-21, 2001.

\_\_\_\_\_. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. *Currículo sem Fronteiras*, vol. 7, n. 1, p. 115-126, jan/jun.2007.

\_\_\_\_\_; GAGO, Marília. Aprender a pensar em história: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Educação*, Portugal, vol. 14, n. 1, p. 239-261, 2001.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Usos da narrativa em história. In: MELLO, Maria do Céu de; LOPES, José Manoel. (Orgs.). *Narrativas históricas e ficcionais: recepção e produção para professores e alunos. Actas do I Encontro Sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis*: Portugal: Universidade do Minho, 2004, p. 29-40.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1998): a revolução francesa*

da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. A história dos acontecimentos e o retorno da narrativa. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2011, p. 335-356.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERRI, Luis Fernando. *O ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GERMINARI, Geysa Dongley. Educação histórica: a constituição de um campo de pesquisa. *Revista HISTEDBR*, n. 42, p. 54-70, 2011. Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/42/art04\\_42.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/42/art04_42.pdf)>.

Acesso: 10-04-2016.

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. *A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história: o caso da história do Paraná*. 2009. Tese (Doutorado em Educação). – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Revista Tempos Históricos*, vol. 12, p. 81-96, 1º sem.2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/download/1945/1537>>.

Acesso em: 17-10-2016.

\_\_\_\_\_; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011, p. 11-19.

\_\_\_\_\_; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2011.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa histórica: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história; os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. *História viva – teoria da história II: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2007.

\_\_\_\_\_. O aprendizado histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011a, p. 41-49.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011b, p. 51-78.

\_\_\_\_\_. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011c, p. 93-108.

\_\_\_\_\_. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2011d, p. 129-150.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história. *Revista da Universidade de Campinas*, vol. 3, n. 2, p. 13-46, 1991. Disponível em:

<https://teoriografia.files.wordpress.com/2016/05/stone-lawrence-o-ressurgimento-da-narrativa.pdf>. Acesso em: 17-11-2016.